

# CADERNOS DE GEOGRAFIA

INSTITUTO DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS  
FACULDADE DE LETRAS • UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA 1998 N.º 17

HOMENAGEM AO DOUTOR J. M. PEREIRA DE OLIVEIRA



## A “TERRA” DOS HOMENS UMA PALAVRA CARREGADA DE SENTIDOS

Suzanne Daveau

Ao prezado colega José Manuel Pereira de Oliveira queria dedicar umas singelas reflexões, relativas a uma palavra que empregamos todos os dias, sem pensar muito nela. No entanto ela designa a base mesma do nosso ofício, porque somos Geógrafos, os que “descrevem a Terra”.

Queria primeiro lembrar as circunstâncias em que travámos amigável relacionamento quando, já lá vão três decénios, o manuscrito de uma dissertação sobre “O espaço urbano do Porto” foi submetido, não sem alguma angústia da parte do autor, a apreciação prévia do mestre da Geografia portuguesa. Longas sessões de leitura comentada desenrolaram-se no ambiente romântico de um café tranquilo da Baixa coimbrã e, depois, na paz da nossa casa de Vale de Lobos. Abrindo hoje de novo o livro que estava então a nascer, vejo com agrado que começa com uma citação de Alexandre Herculano: “Como sobre um circo convertido em naumaquia, o Porto ergue-se em anfiteatro sobre o esteiro do Douro e reclina-se no seu leito de granito...”. Não há dúvida que o especialista de Geografia urbana não esqueceu a terra, “o chão que pisamos”, ao qual dedicou aliás cerca de metade do livro que compôs sobre cidade do Porto. Não tenho dúvida também que o sentido, a vida e o poder expressivo das palavras o preocupam tanto como eu e que irá portanto acolher com simpatia as despreziosas reflexões que aqui lhe quero oferecer.

Este pequeno texto retoma o assunto que me encarreguei de apresentar num ciclo de conferências realizado em Lisboa, durante a Primavera de 1995, no quadro dos “Estudos Gerais Livres”, o generoso empreendimento de cultura aberta a todos, que criou e manteve com entusiasmo o nosso querido e saudoso colega, Professor Manuel Viegas Guerreiro. A ele também quero dedicar este ensaio, que só se justifica pela recusa das habituais limitações e fronteiras científicas e na tentativa de encontrar uma linguagem ao mesmo tempo simples e clara, na qual universitários de especialidades diferentes sejam capazes de comunicarem, e também de se dirigirem eficazmente ao público em geral.

O tema geral do ciclo da conferência tinha sido proposto por um colega filósofo, o Professor Joaquim Cerqueira Gonçalves: *Em Louvor dos Elementos: importância e função da ideia de Elementos na constituição da Cultura*. Fiquei encarregada de apresentar o primeiro dos elementos, a Terra; outro filósofo, Viriato Soromenho Marques,

o Ar; um físico, José Pinto Peixoto, a Água; e o clacissicista e etnólogo Manuel Viegas Guerreiro encarregou-se, ele próprio, de falar de a Luz e o Fogo.

Da palestra introdutória do Prof. Cerqueira Gonçalves, direi apenas que, para ele, os quatro Elementos, tradicionalmente considerados pela Física antiga como princípios constitutivos de todos os corpos, representam mais ou menos o que os modernos geógrafos apelidariam de *ambiente* ou, de modo muito menos feliz, de *meio ambiente*, designando assim o que rodeia o Homem, quer seja vivo quer inanimado, ou, por outras palavras, tudo o que tem interferências próximas ou longínquas com a vida humana.

Notei também, com interesse, o seu apelo para que a Ciência (um dos aspectos da relação do Homem com os Elementos) não seja uma actividade pura e friamente intelectual mas, sim, “carregada de afectividade”. Com outra terminologia, esta advertência lembrou-me a querela um pouco ridícula que foi tão viva, há já algum tempo, quando certos colegas se queriam convencer a eles próprios e aos discípulos, que a verdadeira ciência (no caso vertente a Geografia) tinha de ser puramente objectiva, recusando qualquer toque de subjectividade! Felizmente, a prática destes colegas desmentia estas frias recomendações metodológicas, mas não terão eles, às vezes, introduzido uma infeliz confusão no espírito dos jovens?

Não há Ciência, não há progresso no conhecimento sem amor, sem paixão, sem identificação mais ou menos profunda do investigador com o objecto de estudo, mesmo quando se trata de um tema aparentemente desprovido de vida, como a evolução de uma vertente ou a génese de um aguaceiro. Pode-se, talvez, aplicar rotineiramente uma técnica com pura objectividade, não se pode, com certeza, descobrir algo de novo sem que o investigador se implique por completo no tema que tenta elucidar.

Passando à consideração do Elemento “Terra”, que me tinha sido evidentemente entregue em consideração do meu rótulo universitário de geógrafa, importa fazer notar logo que a mesma noção – ou, melhor, o mesmo complexo feixe de noções – aparece, em português, sob três formas:

- *terra*, o mais usual e popular, derivado do latim e carregado de sentidos muito variados,
- *geo*, forma culta, derivada do grego, que apenas aparece nos textos portugueses a partir do século XVI, para entrar unicamente em palavras eruditas, desig-

nando várias ciências, como Geografia, Geologia, Geometria, Geodesia... e também os praticantes delas, – e, ainda, *tellus*, derivada de outra palavra latina e que, na prática, deu apenas o adjetivo *telúrico*, de uso raro e de sentido pouco claro para a maioria das pessoas e, por isso mesmo talvez, carregado de misteriosa poesia.

Consideramos, portanto, apenas a palavra *terra*, a única realmente viva em português, e tentemos verificar e ordenar os variadíssimos sentidos que apresenta. Não tendo nenhuma pretensão de fazer aqui obra erudita mas, apenas, de expor a minha própria relação com a palavra escolhida, não usei mais que os dicionários a que recorro usualmente, por existirem na minha casa, os quais se enumeram em anexo. Note-se que eles cobrem a evolução da língua portuguesa, tal como foi observada por especialistas ao longo de dois séculos, em Portugal e no Brasil, e que o *Novo Dicionário de Expressões Idiomáticas* me foi especialmente útil, para alargar a minha própria prática de uma língua que apenas assimilei tardiamente. O *Petit Robert* foi usado com cautela, por causa do perigo da introdução de “falsos amigos”, mas a riqueza da análise, que apresenta, dos diversos sentidos da palavra “terre”, constituiu uma grande ajuda.

Parece que existem, realmente, poucas palavras capazes de adquirirem sentidos tão variados, ainda que todos aparentados, sentidos em geral carregados de profunda afectividade. O *Novo Dicionário de Expressões Idiomáticas* não enumera menos de 37 expressões populares derivadas da palavra *terra* ou dos seus derivados, como *terreiro*, *terreno* e *terrinha*. Comparando as definições dos vários dicionários consultados e confrontando-as com a minha própria experiência e sensibilidade (a famosa “subjectividade”), vou propor as famílias de sentidos que penso poder descortinar na palavra *terra*. Distingui oito

grupos, sem perder de vista que os cortes propostos são, em parte, artificiais porque há numerosas e insensíveis passagens de sentido entre os grupos, mas a classificação tipológica, com todos os seus perigos, continua a única maneira de pôr um pouco de ordem num assunto complexo.

1. A *terra* é, fundamentalmente, um dos quatro elementos que distinguia a Ciência antiga, que se chamava então “Filosofia”. Com a água, o ar e o fogo, era um dos quatro elementos básicos que os sábios consideravam constitutivos de todas as substâncias.

Este sentido deixou algumas poucas marcas no vocabulário de hoje, como *terra de Siena*, *terracota*... A palavra *terra* tem aqui o sentido de poeira, ou de barro ou argila para moldar. Do sentido original ficou, na realidade, pouca coisa.

2. Um sentido derivado do primeiro opõe, espacialmente, o elemento *terra*, aflorando nos continentes e ilhas, as extensões de águas superficiais (oceano, mares, lagos) e a atmosfera (o ar). Este sentido permanece muito vivo e criaram-se a partir dele palavras derivadas, como *aterrar*, hoje principalmente aplicado aos aviões, e expressões usuais: *ficar em terra* (ser ignorado) e *saltar em terra ou saltar para a terra* (desembarcar). A *terra firme* designava, tradicionalmente, o interior dos continentes – o “sertão” como diziam outrora os portugueses e como dizem ainda os brasileiros –, por oposição ao litoral e às ilhas, acessíveis à navegação. Quanto ao *terral*, é o vento litoral que sopra da terra para o mar.

O episódio da erupção vulcânica dos Capelinhos, no Faial, tal como foi desenhado em 1957 por Orlando Ribeiro (Fig. 1), simboliza perfeitamente o encontro e o jogo recíproco dos quatro elementos primordiais do nosso planeta: uma nova *terra* vai ali sendo construída pela impulsão do *fogo* interior. Ela ergue-se ao contacto das *águas* do

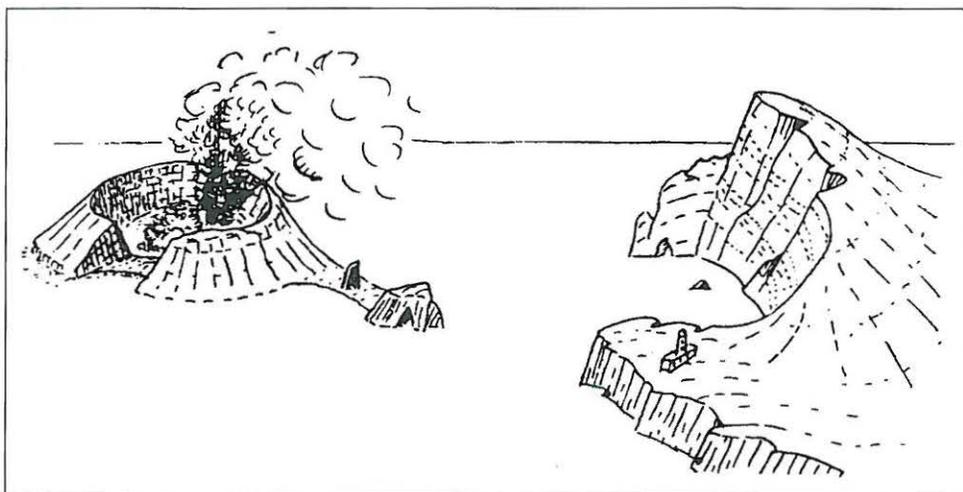


Fig. 1 – A construção do vulcão dos Capelinhos (ilha do Faial, Açores) em Outubro de 1957. Desenho de Orlando Ribeiro.

oceano que a rodeia, e enriquece o *ar* com as nubes devidas às cinzas e aos vapores lançados pelo vulcão.

3. A *terra* é também, num sentido mais restrito, a *parte móvel ou branda da superfície terrestre* por oposição às rochas, duras e resistentes. É, portanto, a substância que alimenta os vegetais e na qual vivem ou onde se abrigam numerosos animais. É o *solo*, no sentido moderno desta palavra, ou seja, a camada superficial de alteração das rochas, objecto dos estudos dos pedólogos.

Daí brota toda uma série de noções e de palavras derivadas. Uma *terra* pode ser um campo, um prédio rústico, uma propriedade rural, grande ou pequena. Uma *terra chã* diz-se de um prédio não cercado..., mas já aparece neste caso a noção de divisão territorial, que será distinguida a seguir.

A palavra *terra* tornou-se um dos mais fortes símbolos das actividades do campo. Uma *terra virgem* nunca foi cultivada; *voltar à terra* é renunciar às actividades citadinas. A *terra* é o resultado do enriquecimento da terra com adubos, uma criação humana.

4. Mas a terra é, ainda, o *chão* que pisamos e, por derivação, o suporte da vida do Homem e de muitos animais, ou seja, o *solo*, mas, desta vez, no sentido tradicional da palavra.

Por um lado designa simplesmente o lugar baixo sobre o qual se acabam as quedas: *lançar por terra* é derrubar, *ir à terra* ou *vir à terra* é cair, *dar em terra* é arruinar-se, *estar por terra* é ficar vencido. *Ficar em terra* é ser deixado para trás, ficar ignorado ou abandonado, mas já se viu que a palavra *terra* designa possivelmente aqui tanto o litoral como o chão do qual o indivíduo não se pode esquecer. O andar *térreo* é o mais baixo da casa.

5. Num sentido derivado mais especializado a *terra* designa o suporte da vida dos homens, o seu mundo, a ecúmena dos Gregos, o espaço onde se desenrola a vida social, a *Terra dos Homens*. Torna-se assim como que o símbolo da sua vida humana, distinguindo-se a *vida terrenal* ou *terrenal*, também dita temporal, sempre carregada de *terrenalidades*, por oposição ao descanso da vida celestial. Mas, mesmo antes da morte, não é impossível ao Homem sonhar alcançar um dia a *Terra de promessa* ou ir em peregrinação à *Terra Santa*.

Curiosamente, se a terra é símbolo de vida é, ao mesmo tempo, símbolo de morte. *Enterrar* é o modo mais usual de sepultura na nossa civilização. Diz-se: Vi com estes olhos que a *terra* há-de comer. Diziam os Romanos: Que a *terra* lhe seja leve! A *Terra da verdade* designa o mundo além da morte, o da vida eterna.

6. Voltando a noções mais *terra a terra*, mais geográficas, verifica-se que a palavra *terra* significa muitas vezes porções do espaço terrestre. *Correr terras* é viajar muito. A palavra pode designar vastas extensões do Globo, como as *Terras árticas*, *antárcticas*, *pacíficas*, ou espaços sensivelmente mais reduzidos, de âmbito regional: as *Terras do demo* dizia Aquilino Ribeiro para designar a Beira interior serrana.

A maior parte das vezes, no entanto, a palavra aplica-se a um espaço bastante pequeno, mas especialmente grato ao coração de quem fala. *Ir à terra* é voltar temporariamente à aldeia natal ou, para o emigrante, a pátria. Quem *não sabe de que terra é*, encontra-se completamente desorientado. A força desta ligação ao lugar de origem encontra-se também admiravelmente expressa na noção tão tipicamente portuguesa de "naturalidade".

Leite de Vasconcellos estudou demoradamente *A Terra de Portugal* na sua *Etnografia Portuguesa*, e intitulou *De Terra em Terra* o livro em que contou as suas andanças etnográficas através de Portugal. Orlando Ribeiro tinha escolhido o título *Um Povo na Terra* para a larga síntese sobre a expansão portuguesa em que trabalhou toda a vida, associando sem dúvida vários sentidos da última palavra na expressão adoptada. Muitos geógrafos clássicos ligaram a terra ao homem na designação das suas obras mais acabadas, por exemplo *La Terre et l'Homme en Extrême Orient*, de Pierre Gourou. Portanto a palavra *terra* designa muitas vezes os espaços terrestres vistos pelo Homem, encarando-os nas suas relações com ele.

Mas outras palavras derivadas introduzem cambiantes de significado, com um sentido em geral mais possessivo. O *território* e o espaço que depende de uma entidade política ou administrativa, ou então, espaço no qual vive um grupo de animais. Implica assim as noções complementares de centro e de organização. A palavra *terreno* tem, muitas vezes, uma conotação militar ou de contenda social: *ceder terreno*, *ganhar terreno*, *estar em bom terreno*, *preparar terreno*. A palavra *terreiro* também, como mostram alguns exemplos: *chamar a terreiro*, *sair a terreiro*, *trazer a terreiro*.

7. Finalmente, a palavra *Terra* tem outro sentido, provavelmente aliás o primeiro a ser lembrado por quem tivesse de definir a palavra. Mas, na realidade, esta acepção é bastante recente na história da língua, porque o próprio conceito data apenas de meados do século XVI quando se admitiu geralmente que a *Terra* era *um dos planetas* que gira à volta do Sol, o Globo terrestre. Aliás, se esta noção tinha sido desenvolvida há muito pelos sábios da Grécia antiga, para eles o Homem estava longe de ocupá-lo todo. Pensavam que a humanidade se acantonava apenas numa parte do Hemisfério setentrional. Não havia ainda coincidência entre os conceitos de Globo e de Terra habitada pelos homens (ecúmena).

Será apenas no século XVI que as navegações ibéricas irão demonstrar, passo a passo, que Novos Mundos habitados existiam em toda a redondeza do Globo. A exploração da Terra irá prosseguir ao longo dos séculos seguintes, até que a descoberta dos pólos, aliás desabitados, venha simbolicamente fechar, no começo do século XX, este reconhecimento progressivo, esta verdadeira apropriação humana do planeta. Já em 1831 o *Dicionário* de Moraes afirmava que a Terra é "este planeta que habitamos", e o *Dicionário poético e de epítetos* de Roquette e Fonseca

propunha, em 1869, as seguintes palavras equivalentes: *Terra, mundo, universo, globo, redondeza, homens*.

Vivemos hoje o começo de uma relação nova com a Terra. Os homens não conseguiram apenas deixar a superfície terrestre para se elevarem no ar ou descerem às profundidades oceânicas. Escaparam à atracção terrestre e conseguiram observar a *Terra de fora*, directamente para uns poucos privilegiados, indirectamente mas, mesmo assim, espectacularmente para todos os outros. As imagens de satélite marcam o começo de uma nova relação do Homem com o seu planeta.

Através destas imagens, hoje largamente difundidas, a vista humana abrange com facilidade uma face inteira da Terra, em toda a sua complexidade e instantaneidade. Mais, a superfície da terra pode ser hoje observada e registada em comprimentos de onda que escapam à nossa percepção habitual: “vemos” a temperatura do solo, “vemos” a humidade que impregna a atmosfera.

Mas não só nos é permitida esta visão de conjunto. A qualidade dos sensores autoriza também observações de maior pormenor, que põem ao nosso alcance a visão de escala regional, intermédia, deixando descobrir a complexidade e a dinâmica de ambientes que nos eram naturalmente vedados, como os ambientes polares ou desérticos, como os enormes incêndios de floresta, as montanhas sulcadas por glaciares, as erupções vulcânicas... A dimensão, cada vez menor, da mancha elementar de observação (o pixel), que é de 10 m no satélite comercial Spot, permite realizar a análise pormenorizada destes verdadeiros monstros modernos que são as grandes manchas urbanizadas alastrantes, nas quais vão se diluindo as cidades.

O problema é saber em que medida esta nova era do conhecimento geográfico, que mal ainda desponta, irá transformar as relações da humanidade com o seu ninho, a Terra. Irá enriquecer e ampliar as possibilidades da nossa mente e da nossa afectividade? Evitar as catástrofes que se apregoam a todo o passo? No horizonte da cultura universal, qual será o futuro do Homem e da sua Terra?

## BIBLIOGRAFIA

- FIGUEIREDO, Cândido de (1986) – *Dicionário da Língua Portuguesa*. 23ª edição, Venda Nova, Bertrand Editora.
- FIGUEIREDO, Cândido de (1913) – *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Nova Edição, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 2 volumes.
- MACHADO, José Pedro (1977) – *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 3ª edição, Lisboa, Livros Horizonte, 5 volumes.
- ROBERT, Paul (1967) – *Le Petit Robert. Dictionnaire Alphabetique et Analogique de la Langue Française*. 2<sup>ème</sup> édition, Paris, Société du Nouveau Littre.
- ROQUETTE, J.-I. e FONSECA, José (1869) – *Dicionário dos Synonyms, Poetico e de Epithetos da Língua Portuguesa*. Pariz, Vª J. P. Aillaud, Guillard e Cª.
- SANTOS, António Nogueira (1990) – *Novos Dicionários de Expressões Idiomáticas. Português*. Lisboa, Edições João Sá da Costa.
- SILVA, António Moraes (1831) – *Dicionário da Língua Portuguesa*. 4.ª edição, Lisboa, Imprensa Regia, 2 volumes.